

Genius loci x Zeitgeist: o dilema da modernidade



Texto
Antônio Carlos Sant'Anna
Júnior

O compromisso primeiro da administração municipal de São Paulo tem sido sempre a transparência dos procedimentos e a qualidade dos resultados.

Na qualidade de testemunha privilegiada do processo, enquanto diretor técnico da Cohab/SP, responsável pela escolha da área do Brás como objeto do concurso e membro da comissão julgadora, venho apresentar o conjunto dos objetivos que pautaram minha participação e explicitam as expectativas da administração com relação aos resultados do concurso.

Apresento também algumas reflexões sobre a problemática do contexto e o projeto contemporâneo, que colocam de uma perspectiva teórica o desafio enfrentado pelos arquitetos que participaram do concurso.

Em seguida, estão apresentados os doze projetos finalistas, que falam por si, dispensando maiores comentários. Sua qualidade lhes dá autonomia.

Anexa também se encontra a transcrição das atas das duas etapas do julgamento dos trabalhos, que explicitam a transparência com que todo o processo foi conduzido.

E, para finalizar, cabe destacar que, diferentemente de tantos outros, este concurso será levado a bom termo, ou seja, até a finalização das obras do projeto vencedor, que neste momento está sendo detalhado pelo arquiteto Sylvio Emrich Podestá.

E ainda, aproveitando os classificados com menção honrosa e destaque, foram contratados, através do convênio estabelecido entre a Cohab/SP e o Habi, mais quatro projetos, já entregues, que deverão ter suas obras licitadas em seguida: Conjunto Habitacional Paranapanema (430 unidades), arquiteto Décio Tozzi; Conjunto Habitacional Rincão (306 unidades), arquitetos Hector Vigliecca e Bruno Padovano; Conjunto Habitacional Heliópolis I (120 unidades), arquitetos Ângelo Cecco Júnior e Luís Espallargas; e Conjunto Habitacional Minas Gás (240 unidades), arquiteto Ubyrajara Gilioli.

Objetivos do concurso

1. Resgatar o concurso público como o meio mais transparente de contratação de projetos pela administração, processo que é mediado pelas entidades representantes da categoria, como o IAB e o SASP, que organizam o concurso. Garantindo-se a todos os profissionais interessados o direito de participar, democratiza-se o acesso aos traba-

lhos e ainda se dá à administração a oportunidade de escolher a solução mais adequada para o problema apresentado como objeto do concurso.

2. Aprofundar o debate sobre a questão da habitação Brasil, envolvendo o número mais amplo possível de profissionais, assim como garantindo a participação dos futuros usuários na discussão da política habitacional e na definição de diretrizes para o projeto, através da participação de representantes de várias entidades e movimentos populares na fase de elaboração das bases do concurso.

3. Liberar inteiramente das restrições legais (Código de Edificações e Lei de Zoneamento) as propostas que serão apresentadas, de modo que os próprios projetos sejam os instrumentos críticos da legislação vigente, propiciando uma ampla discussão que possa subsidiar sua revisão objetivando maior flexibilização da sua aplicação.

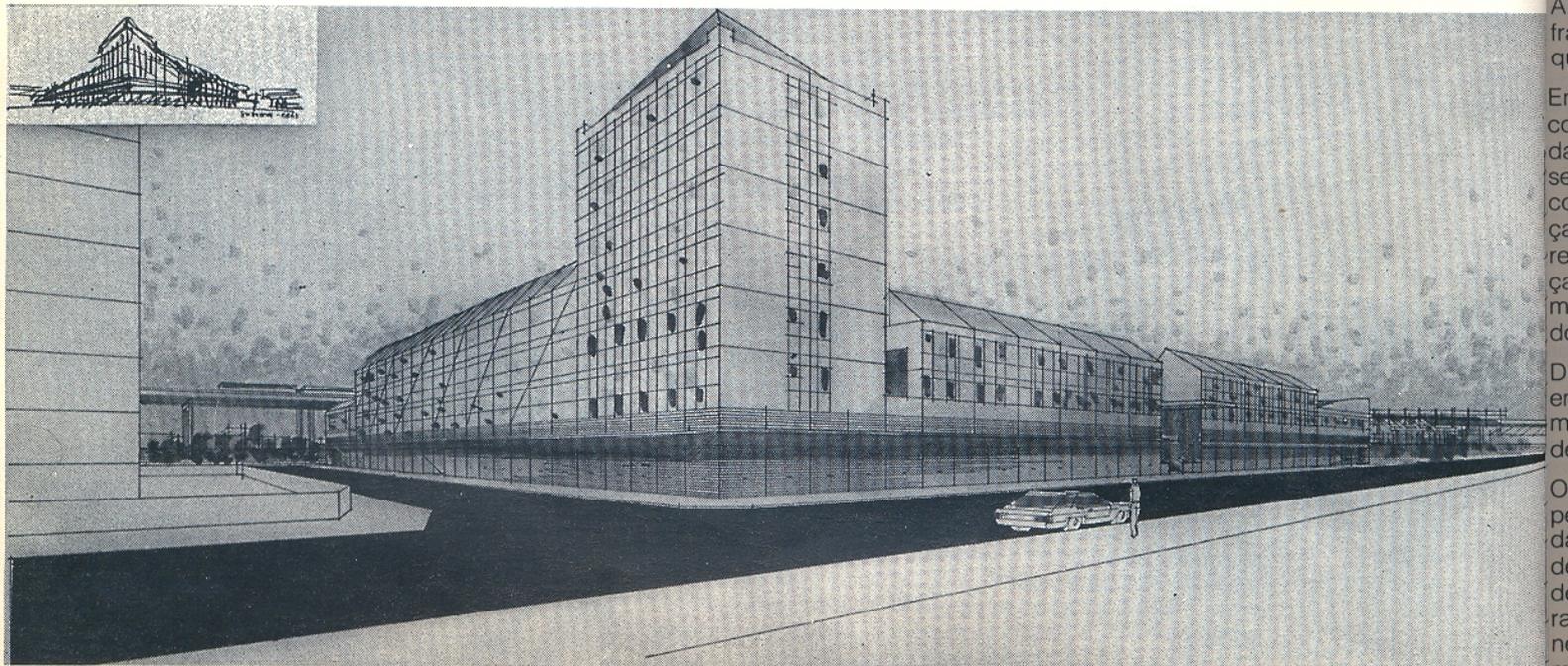
4. Evitar a expansão indiscriminada da mancha urbana através da ocupação planejada dos vazios urbanos, que representam mais de 25% da cidade de São Paulo, proporcionando o adensamento de áreas já urbanizadas, minimizando o custo das redes de infra-estrutura e melhorando a acessibilidade dos conjuntos habitacionais, diminuindo a distância do centro.

5. Encontrar uma relação mais harmoniosa entre o conjunto habitacional e o meio físico, respeitando-se as características dos diversos tipos de solo, a conformação topográfica do sítio, as linhas naturais de drenagem e eventuais corpos de água, a vegetação existente, a insolação, os ventos predominantes e as visuais.

6. Trabalhar com a hipótese de construir um número maior de pequenos conjuntos habitacionais, ao invés de manter a política vigente de um pequeno número de grandes conjuntos. A redução da escala dos conjuntos permite inseri-los de maneira mais harmoniosa no contexto urbano, integrando-os à estrutura existente, propiciando a integração natural dos novos moradores com a população do entorno, estimulando a vida urbana.

7. Estudar novas tipologias habitacionais, permitindo o uso de vários tipos de unidade num mesmo conjunto, diversificando e enriquecendo a configuração das edificações propiciando a adequada distribuição de equipamentos coletivos, áreas de comércio, serviços e lazer, que deverão ser dimensionadas para atender também parte da demanda do entorno, maximizando a interação.

Projeto vencedor da equipe de
Sylvio de Podestá para área no Brás.



8. Discutir a possibilidade de implementação, em termos de projeto piloto, de um "programa de aluguel de interesse social" que atenda a demanda das famílias de baixa renda que hoje moram em cortiços e representam aproximadamente 30% da população da cidade de São Paulo (3,5 milhões de pessoas), concentradas em bairros como o Brás.

9. Incentivar a pesquisa e o desenvolvimento de alternativas de materiais, sistemas construtivos e formas de incrementar a racionalização e a economia da construção, assim como das técnicas de gerenciamento e sistemas de controle de qualidade.

10. Resgatar o projeto como o instrumento privilegiado de controle de qualidade da obra, usando detalhes de execução bastante precisos e especificações rigorosas de materiais e procedimentos como a melhor forma de garantir um bom produto, evitando a deterioração precoce e o alto custo de manutenção.

Um pós-fácio para o concurso do Brás: qual moderno?

Já se passaram alguns meses desde que foram divulgados publicamente os resultados do concurso, mas, como ainda continua havendo algumas manifestações a respeito, aproveite a oportunidade para levantar algumas questões que transcendem os limites do concurso, mas a ele estão indissoluvelmente ligadas, e espero possam contribuir para o avanço e o aprofundamento do debate sobre a importância do contexto no projeto contemporâneo. Precedente e invenção. *Genius loci* e *Zeitgeist*, o espírito do lugar e o espírito da época. O dilema da modernidade. Essa foi a questão com a qual os arquitetos que participam do concurso se defrontaram. O Brás é uma área particularmente privilegiada para a colocação dessa problemática. A paisagem em dissolução vista da perspectiva da sua consolidação.

Desde a elaboração das bases do concurso, sempre esteve presente a preocupação em resgatar uma arquitetura para a cidade e não para o edifício isolado, tão caro à nossa tradição arquitetônica.

Era importante encontrar uma arquitetura que estimulasse a vida urbana, valorizasse a rua, a multiplicidade de funções, que celebrasse o cotidiano. A um só tempo, figurativa e conceitual.

Uma arquitetura "contaminada" pelas contradições e pela complexidade da cidade real. O contraponto dionisiaco à assepsia apolínea da cidade ideal.

A cidade real é "caótica", e portanto perturbadora. Sua fragmentação está em confronto com o paradigma (tranquilizador) da unidade da cidade ideal.

Em *The Death and Life of Great American Cities*, Jane Jacobs observa que "sob a aparente desordem da velha cidade se encontra uma ordem maravilhosa que mantém a segurança das ruas e a liberdade da cidade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso da calçada, que traz consigo uma sucessão constante de olhares. Essa ordem é toda composta de movimento e mudança e, embora seja vida, e não arte, podemos imaginariamente chamá-la de forma artística das cidades, comparando-a à dança".

Durante muito tempo estivemos muito mais preocupados em "parecer" modernos do que em efetivamente "ser" modernos. Anatole Kopp nos lembra de "quando o moderno não era um estilo, e sim uma causa".

O projeto ético do movimento moderno, que propõe uma perspectiva revolucionária de construção do futuro fundada na ruptura, na negação radical do passado, no salto de qualidade, é diluído pelos epígonos numa modernidade "aparente", que, desconhecendo a história, faz tábula rasa do precedente e faz a apologia da invenção permanente do "novo", da busca insaciável do "original". O admirável mundo novo onde tudo é descartável, onde a ob-

solescência é programada. "Easy come, easy go". A cidade como palimpsesto. *Zeitgeist*, o espírito da época.

É importante também lembrar como, em nossa história recente, essa modernidade tem servido para mascarar as posturas mais conservadoras e reacionárias da tecnoburocracia encastelada no poder. O "moderno" como jogo de espelhos. Imagem e mistificação.

A "apropriação refletida da história", para usar uma expressão de Jürgen Habermas, pode indicar novas possibilidades.

Há uma outra modernidade, menos ruidosa e menos rutilante, subjacente, que revisita a história com olhos novos e aprende com o precedente o que é de fato substantivo.

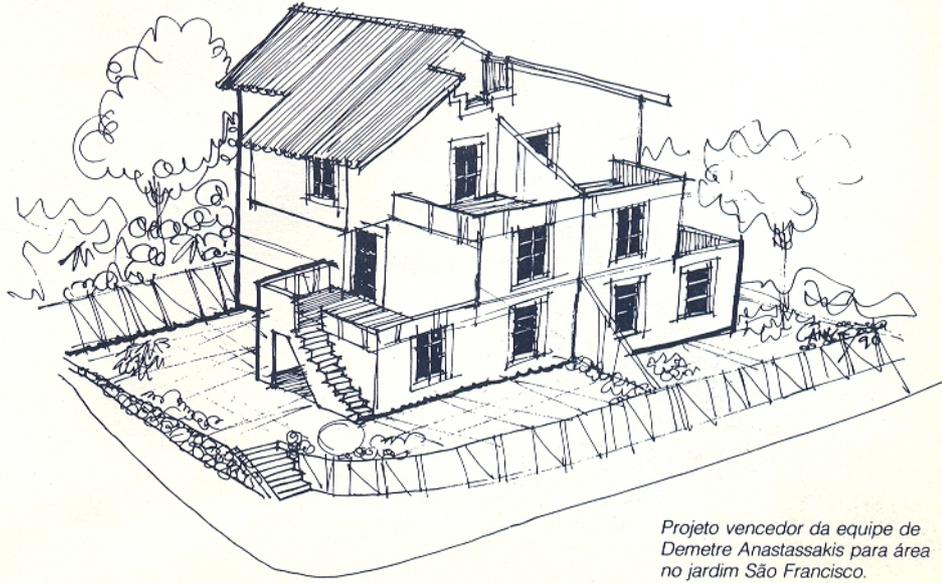
De maneira generosa, resgata o *genius loci*, o espírito do lugar, e se contrapõe à espoliação da memória. Articula o tempo passado com as possibilidades do tempo futuro para construir no tempo presente o chão da contemporaneidade.

Estamos desobrigados de ser ou parecer "originais". A arquitetura fala sempre de (outras) arquiteturas. A presença do passado se anuncia na preservação da memória, nas referências, citações e alusões. A cidade como *continuum*, e não como palimpsesto.

Em *Tudo que É Sólido Desmancha no Ar*, Marshall Berman conclui que "devemos, pois, nos empenhar para manter vivo esse 'velho' ambiente, por sua capacidade peculiar de alimentar as experiências e os valores modernos: a liberdade da cidade, uma ordem que existe num estado de perpétuo movimento e mudança, a comunhão e a comunicação face a face, evanescente mas intensa e complexa, daquilo que Baudelaire chamou a família dos olhos. O ponto salientado por Jane Jacobs é que o assim denominado movimento moderno inspirou uma 'renovação urbana' de bilhões de dólares, cujo resultado paradoxal foi a destruição do único tipo de ambiente no qual os valores modernos podem ser realizados. O corolário prático de tudo isso (que à primeira vista pode parecer paradoxal, mas na verdade faz pleno sentido) é que na nossa vida urbana, em benefício do moderno, precisamos preservar o velho e resistir ao novo. Como tal dialética, o modernismo assume uma nova complexidade e profundidade". ■

Antônio Carlos Sant'Anna Júnior, arquiteto formado pela FAU/USP em 1974, ex-diretor da Cohab/SP, diretor de Rino Levi Arquitetos Associados e professor da FAU/Mackenzie e FAU/USP.

Esta matéria dá sequência a "Um Concurso para Resgatar Projeto de Habitação Popular", publicada na *Projeto* 130, março de 1990, páginas 110 e 111.



Projeto vencedor da equipe de Demetre Anastassakis para área no jardim São Francisco.